

UM TOM LONDRINO

MARIA IGNEZ CORRÊA DA COSTA

Antes de assinar o contrato com a Paramount inglesa para compor o fundo musical de Os Aventureiros, filme baseado no best seller de Harold Robbins, Tom Jobim tratou de verificar o tempo que iria fazer em Londres. Um verão lhe foi garantido. E eis, em terras distantes, o nosso Tom envolto em cobertores, descobrindo os ingleses, seu modo de ser, de pensar, de agir — uma experiência tôda nova, a mais em sua carreira. Aliviado, depois de três meses de intenso trabalho, num bate papo informal



Em Londres. Tom está morando numa casa de quatro andares



Tom, longe do Brasil e com saudades

Londres (Via Varig) — Na copa azul da luxuosa casa londrina que a Paramount alugou para o compositor, Teresa, sua mulher, preparava um cafèzinho:

— Você já reparou no coador do café? Improvisei costurando a ponta de um saco de fazer merengue.

Tom aparece com jeito de quem está com sono, e reclamando de Teresa o comprimento das calças:

— Oh, mamãe! Oh! Continuo com as calças curtas. E você prometeu que ia abaixá-las.

— Vem que eu quero te mostrar a casa. Vamos subir que a casa não é na cozinha. Você já viu a praça aqui na frente? Em dia de sol isso aqui fica cheio de carnes brancas. Mas essa praça é dessas bem inglesas, sabe? Tem mil leis. Só os moradores daqui podem entrar nela, e com chavinha. E só podem levar dois convidados. Tem até uma tabuleta de metal dizendo tudo isso.

— Mas os ingleses foram muito simpáticos comigo. Me deram tempo para pensar. Me alugaram esta casa que tem quatro andares. Que, aliás, não é para velho. Haja perna! Ela tem 100 anos.

A FRIA PRIMAVERA

Tom e Teresa, depois desses três meses em Londres, estavam preparando a bagagem para partir daí a uma semana. Pretendiam conhecer a Europa. Os filhos do casal já tinham regressado ao Brasil. E o piano, o gravador, a monoviola, a viola, enfim, todos os instrumentos que a Paramount tinha pôsto à disposição do compositor haviam sido retirados na manhã daquele dia. Tom vai falando sem seqüência, fazendo perguntas, confessando saudades do Brasil.

— Não repara a bagunça. Estou aqui rasgando papel. Quando eu cheguei em Lon-

dres, ah, foi há bastante tempo. Em abril. Fui para um hotel. Chato! Hotel de velho, sabe como é? Sabe, aquêlo hotel pra trás. Você sabe. Tem hotéis que são pra frente. Esse era muito conservador.

— Quando vim para cá foi o maior drama. Foi dia 28 de abril, a data da chegada. Era primavera mas não tinha uma fôlha nas árvores. O calor, o chauffage, como é que chama isso? A calefação não estava ligada e era um frio... Aliás, o inglês é o rei da economia. Você já notou que não há uma luz acesa de noite? E o lixo, que é recolhido uma vez só por semana! Um dia eu fui bater papo com o lixeiro e perguntei a êle se carne não estraga no lixo. Um inglês que falava um inglês, minha filha... da Irlanda. "Mas carne nunca sobra" — foi o que me respondeu. Aí eu perguntei por aquêlo pedaço de osso e êle disse que o osso ficava sempre com o cachorro. Bom, aí eu entendi que os ingleses não precisavam mesmo muito de lixeiro.

— Aliás, aqui ninguém perde um centavo. Mas o frio, ah! Aí, do hotel eu mudei para esta casa. Minha mulher e os filhos não tinham chegado. Eu, sozinho, nesta casa com 100 anos. E ainda fui descobrir um rato inglês, cabeludo, lá em cima. Me lembro que fazia tanto frio que eu botei tôdas as roupas que eu tinha, o sobretudo, e dormi com quatro cobertores. Aquela primavera dêles!

COZINHA E MÚSICA

— Mas naturalmente que com estas viagens que eu venho fazendo aprendi a cozi-

nhar. Enfim, o trivial variado. Tôda época de trabalho é mais ou menos tensa e não se pode fazer muita extravagância. Acabo então numa dietinha. Minha mulher diz que quando eu estou longe dela eu me comporto melhor. É lógico. Não há aquela infra-estrutura para garantir. Aquela canja de galinha viva que a Maria faz com moela, sangue e fígado. Aquela que reconstitui os tecidos da gente.

— Bife, batata cozida, tudo isso eu sei fazer. Arroz, sim. É indispensável. Já descobri que é alpiste de gente. Fora isso, um espinafrezinho e uma cenourinha de quando em quando. Uma coalhada também sei fazer, porque não gosto de iogurte. É fácil. Você compra o butter-milk, bota um pouquinho no leite e deixa numa vasilha. De um dia para o outro a coalhada fica brasileira! É bom para endireitar o negócio. Quando a gente toma umas e outras. Para reconstituir a flora e a fauna. Eu não gosto é de muita pimenta porque aí mexe com o sistema. E quando a gente está sob pressão de trabalho não pode ficar dodói.

— O filme já está pronto. No Brasil recebi o script, que li várias vêzes. Baseado nêle, fiz quatro possíveis temas. Eumir Deodato veio comigo do Brasil para reger a gravação. E aqui, com os ingleses, tivemos dois períodos de trabalho. O primeiro foi mais calmo, de composição e orquestração, em casa, com a monoviola para a sincronização, aquela coisa tôda. O segundo período foi mais duro, porque o estúdio de cinema fica em Madureira (Twickhman) e o de som fica em Bonsucesso (Sheraton). Mas vinha sempre um carro com chofer, da companhia, para nos apanhar todos os dias. Eles queriam nos buscar às nove da manhã. Mas aí ex-

plicamos ao nosso illustre Mr. que no Brasil a coisa é diferente e que o músico sempre toca melhor a partir da tarde e de noite. Então resolveram só nos apanhar às duas da tarde. E terminávamos o trabalho entre onze e meia-noite.

Tom conversava com o violão na mão, sem porém dedilhá-lo. Teresa appareceu com nova dose de cafèzinho. Mesmo quando compõe para uma superprodução, como é o caso de Os Aventureiros, para grandes orquestras, Antônio Carlos Jobim procura a singeleza. A palavra é sua. Prefere um violão, uma flauta.

— Mas num filme, às vêzes, é necessário uma orquestração. Não se pode ser sempre intimista. Atrás de uma cena de campo de batalha não se pode pôr violão e flauta. Mas eu sempre trago comigo um violão, aquêle som de qualche hora e que não incomoda o vizinhos.